

## Em contato com os médicos

*Novo projeto volta-se a novas formas de terapia e diagnóstico de câncer*

Depois da ciência básica, a aplicação. Com base nas informações geradas pelo Genoma Humano do Câncer, projeto financiado pela FAPESP e pelo Instituto Ludwig, está tomando forma o Genoma Clínico do Câncer. Anunciado publicamente no dia 20 de dezembro, deve contar com a participação de pesquisadores do Estado de São Paulo que trabalham em atividades clínicas e cirúrgicas relacionadas à oncologia. O objetivo é desenvolver novas formas de diagnóstico e tratamento. As inscrições para os novos grupos estão abertas até o final de fevereiro (mais informações no endereço eletrônico [www.fapesp.br](http://www.fapesp.br)).

Em quase dois anos, a equipe do Genoma Humano do Câncer acumulou um milhão de seqüências de genes atuantes em diversos tipos de tumores – de mama, de estômago, de cabeça e pescoço, de cólon e de próstata, entre outros. “Os tipos de tumores a serem trabalhados no Genoma Clínico não serão obrigatoriamente os mesmos do Genoma Humano”, diz Marco Antonio Zago, pesquisador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) da Universidade de São Paulo (USP) e um dos organizadores do projeto. “A definição das áreas de estudo depende da demanda dos grupos que se apresentarem.”

As equipes incorporadas ao projeto – coordenadas por um pesquisador clínico ou cirúrgico de preferência ligado

a instituições de pesquisa – vão participar de duas maneiras. A primeira será por meio do envio de amostras de tumores, que serão armazenadas e analisadas pelos laboratórios do projeto Genoma Humano do Câncer e a segunda acompanhando o estado clínico dos pacientes. Associando-se a análise de RNA, a molécula de ácido ribonucléico, por meio do qual os genes se expressam nas células,



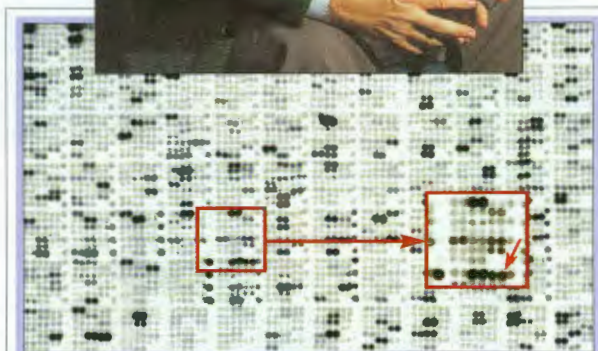
HELENA VETRAZZO

Zago: tratamentos sob o olhar da genética

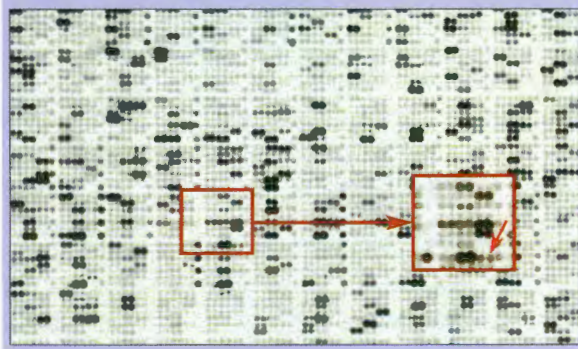
material genético da célula é alterado de alguma forma e ganha autonomia de crescimento, sem responder mais aos contro-

les do organismo”. Por essa razão, diz ele, um tipo de câncer é diferente de outro, do ponto de vista molecular, embora se manifestem de modos semelhantes, quando examinados a partir dos tecidos que afetam.

O Genoma Clínico deve começar com cerca de 20 grupos de pesquisa e um orçamento de US\$ 1 milhão, a ser aplicados nos próximos dois anos na coleta de material e na montagem e manutenção do banco de dados. Segundo Zago, haverá espaço também para colaboradores – em especial, patologistas e epidemiologistas –, aos quais caberia a supervisão dos diagnósticos médicos, a análises estatísticas e dos métodos de acompanhamento dos pacientes.



Genes de leucemia mielóide crônica (acima, no destaque) comparados com os de tecido normal (abaixo)



ARQUIVO M.A. ZAGO/FMRP-USP